

A SEIS MESES DO FIM DO QUINQUÉNIO

# Governação mergulhada em constrangimentos e melhorias

POR JOEL CHAMBALE

No concernente à crise financeira mundial, Namburete explica que os impactos serão nefastos ao país, e que a posição defendida pelo governo na pessoa da primeira-ministra de que não haverá ruptura do sistema financeiro, apenas visa tranquilizar os moçambicanos, pois cerca de 50% do Orçamento do Estado (OE) é disponibilizado pelos doadores.

O deputado salientou que "se as pessoas que doam dinheiro estão a ressentir-se pela crise é impensável dizer que não seremos afectados", referindo que o grande embaraço é o facto de o governo continuar a resistir à contenção de despesas que é a única saída que Moçambique tem para fazer fase a crise financeira mundial.

A cerca de seis meses para o fim do quinquénio, a insegurança pública, falta de transporte, acesso a água potável, fome, corrupção e burocracia são problemas que ainda apoquentam a população moçambicana, conforme revelam ao ZAMBEZE políticos, académicos e sociedade civil. Eduardo Namburete, deputado da Assembleia da República (AR), pela Bancada da Renamo - União Eleitoral assume que cinco anos são muito tempo para que a maioria da população continue a consumir água suja, num país que tem vários rios, frisando que os números que o governo apresenta nesta área representam um crescimento, mas não é na velocidade pretendida pelo povo.



Eduardo Namburete



Narciso Matos



Feliciano Mata

executivo após as manifestações do 5 de Fevereiro, revelando que a manifestação foi precipitada por causa dos transportes e não pela carestia de vida como alguns governantes afirmam.

Sobre os 7 milhões

No tocante ao Orçamento de Investimento as Iniciativas Locais (OILL) disponibilizados anualmente pelo governo aos distritos Miguel Mabote afirmou que é uma boa iniciativa dar dinheiro aos pobres, pois os bancos não fazem por exigir garantia, frisando que caso o número das pessoas que pagam imposto nos distritos não aumente após o investimento, não vale a pena continuar a disponibilizar dinheiro, dado que o Estado continua a ser lesado pois prevalece a fraca arrecadação de receitas.

Miguel Mabote mostra-se bastante céptico quanto ao sucesso da revolução. Acrescentou que "ter infra-estruturas, distribuir sementes melhoradas não basta para uma revolução verde. É necessário investir no treinamento dos fazedores da ambicionada revolução verde".

Narciso Matos, Director Executivo da Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade (FDC), diz que durante os cinco anos, o executivo teve várias realizações desde construção de estradas, pontes, hospitais, escolas mas não deve em nenhum momento se acomodar. "É preciso fazer mais, pois não constitui o suficiente para os moçambicanos".

Segundo Narciso Matos é necessário não se ter medo de dizer o que anda mal, fazendo a crítica para o desenvolvimento do país. Matos diz ainda revelou que existe um esforço do governo de ensinar algumas técnicas aos camponeses, com destaque para Matutuine onde se pratica o plantio de alinhamento e mistura de culturas.

O Director Executivo da FDC disse que o programa nacional de silos lançado pelo executivo e medidas contra as pestes vão ajudar na conservação a produção, dado que quase 40% da produção nacional se perde pela acção dos ratos e insectos.

Contudo Narciso Matos referiu que o abastecimento de água potável ainda não atingiu padrões mínimos exigidos de consumo de 20 litros por pessoa, recomendando ao governo a trabalhar mais para que as comunidades tenham acesso ao precioso líquido.

Revolução sem estratégia

Namburete diz ainda que a revolução verde constitui uma aposta do governo para aumentar a produção, de modo a reduzir bolsos de fome e exportar o excedente, mas na sua óptica esta revolução falhou, pois segundo sustenta "não há uma estratégia clara para trazer a agricultura a níveis elevados que já existiram no passado".

A fonte lembrou ainda que para haver revolução verde não basta distribuir sementes melhoradas aos camponeses; é imperioso fazer acompanhamento ao agricultor desde a fase do plantio, da colheita, até à própria comercialização.

Para Namburete, o facto do Governo alegar ter se empenhado na construção de infra-estruturas como estradas, pontes, que ligam o sul, centro e norte do país, citando a Estrada Nacional Número -1 (EN1), apesar de ser nota de realce, "as mesmas não impulsionam o desenvolvimento dado que não ligam os campos agrícolas ao circuito de comercialização, razão pela qual muitos produtos apodrecem antes de ser comercializados.

Eduardo Namburete referiu que é ilusão do Governo dizer que vai se produzir mais para acabar com bolsos de fome e reduzir a importação de produtos alimentares se não houver um acompanhamento de todo um processo desde o plantio, colheita e a comercialização da produção nacional.

implementação.

Sobre a burocracia e corrupção, Mata explicou que ainda há práticas de corrupção que lesam o Estado, entretanto há medidas de carácter regulamentar introduzidas para colmatar esses problemas, salientando que há também acções disciplinares contra os agentes e funcionários que visam prevenir a ocorrência deste tipo de comportamentos.

No concernente a burocracia, o porta-voz da Frelimo disse que nos últimos anos o atendimento no sector público melhorou, mas há necessidade de fazer mais, por isso que o Governo organizou a Conferência Nacional da Administração Pública (CNAP).

Para este deputado, a corrupção deve continuar a ser combatida com maior seriedade, pois os bens do Estado não devem ser usados para fins pessoais, reiterando

que o desvio de fundos e a corrupção estão a merecer atenção especial a nível da Procuradoria Geral da República (PGR) e nos tribunais.

Questionado se a revolução verde falhou, Feliciano Mata justificou que "a estratégia da revolução verde continua, e o país tende a ficar cada vez mais verde" salientando que há aumento de áreas de produção em Chokwé, pois segundo diz, "antes trabalhava-se em cerca três mil hectares de terra e actualmente são seis mil, em Maganja da Costa de mil passou para cerca de três mil hectares.

O nosso entrevistado revelou que é notória a mecanização no sector da agricultura, mas ainda não há níveis altos e desejados. Neste momento a população já recorre a atracção animal, referindo que foi neste quinquénio que o governo distribuiu mais tractores.

A fonte acrescentou que governo está preocupado em aumentar a produtividade e criar condições para maior circulação de produtos, daí que o executivo deu prioridade a construção de mais infra-estruturas. Mata destacou a construção de silos, apoio as comunidades para conservação da produção.

No concernente a área dos transportes, este diz que há melhorias, dado que já há transportes públicos em quase todas as províncias, introdução de transporte marítimo, das automotoras, aceitando que no entanto ainda não é o suficiente.

Feliciano Mata reiterou que durante este mandato o executivo envidou esforços para aumentar o acesso a água potável, construção de infra-estruturas, electrificação de mais distritos, lamentando a eclosão da crise financeira mundial revelando que a única medida para fazer face

é a racionalização das despesas públicas.

Insegurança

O Presidente do Partido Trabalhista (PT), Miguel Mabote, afirmou categoricamente que o ponto mais fraco do governo do dia no quinquénio é falta de segurança pública. "Volvidos cinco anos o executivo não consegue garantir a segurança ao cidadão".

Miguel Mabote disse que o governo andou adormecido nos primeiros dois anos, por isso o Presidente da República (PR) convocou reuniões sucessivas do Conselho de Ministros alargados com vista a apelar aos governantes para correr e não andar.

Fúria do povo

Mabote lamentou o facto da problemática de falta de transporte ter merecido atenção especial do



Realizações

Por seu turno, porta-voz da bancada da Frelimo, na Assembleia da República (AR), Feliciano Mata afirmou que os programas do quinquénio vão ser avaliados cumpridos a avaliar pelo ritmo de